Ano 2.º Numero 90 ✻ ✻ ✻ SEIS PAGINAS ✻ ✻ ✻ Aveiro, 31 de outubro de 1912

A LIBERDADE

Alberto Souto
Director

Republicano-Democratico

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

Propriedade da Empreza A LIBERDADE — Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro* — Edição do DIRECTOR

Na guerra balkanica

TURCOS E COLIGADOS

O professor primario do povo bulgaro

está em frente de Andrinopla

Perante o avanço dos aliados dos Balkans e as sucessivas noticias dos enormes desastres sofridos pelos turcos nessa guerra do Oriente que se está tornando uma das violentas e serias catastrofes da Humanidade, todo o mundo fica possuido de assombro, mal compreendendo a superioridade de que teem dado provas as nações coligadas.

A' desordem turca, á forma atabalhoada e lamentavel porque se está fazendo a mobilisação das suas tropas, á sua defeza por vezes heroica, por vezes vergonhosamente fraca, e sempre precipitada, opoem os outros estados balkanicos uma marcha regular, forte, segura e vencedora, que causa espanto, não tanto pelo heroismo dos seus soldados como pela maneira inteligente que preside às suas operacões, pela disciplina das suas fileiras e pela firmeza e confiança que se notam na sua preparação militar.

E' de molde a merecer simpatia, compaixão pelo menos, a velha Turquia, assaltada de improviso no fim de uma guerra dificil, desorganisada e fraca, esperando o embate dos adversarios para defender as suas fronteiras, quasi fazendo esforços para evitar o conflito.

Mas o que é preciso reconhecer, pondo de parte o humanitarismo e limitando-nos nós a contastar os factos consumados, é que os povos balkanicos mostraram uma decisão e uma audacia e uma preparação de que só os povos fortes são capazes. E entre eles, a Bulgaria, então, revelou-se à Europa, a todos deixando surpreendidos. O seu exercito é já um grande exercito, modernamente preparado, apto não só para defender a extensa linha da sua fronteira, mas para atacar um inimigo de temer como é o da antiga Constantinopla.

As vitorias do exercito bulgaro, a sua egemonia nas operações, a forma disciplinada e habil por que se tem comportado, o admiravel serviço de administração, municiamento e auxilio que nele se vê, denotam um alto estado de adeantamento e cultura que são dignos do nosso estudo e cujo exemplo muito proveitoso nos pode ser na fase de reconstrução em que nos encontramos.

* * *

Não nos era desconhecida a Bulgaria, na data do rompimento das hostilidades.

Nem tão pouco nos tinha passado desapercebida a evolução e o progresso que se vinham operando nesse joven estado das margens do Danubio e das praias do Mar Negro.

Em 6 de junho ultimo publicavamos neste jornal *A Semana da Instrução* e nessas paginas, um artigo longo sobre *A Instrução na Bulgaria.*

Terà passado despercebido esse artigo ao leitor? E possivel, que no que interessa pouca se atenta.

Relembrêmos, pois, o que então dissémos sobre a condição da Bulgaria.

* * *

«Limitada ao norte pelo Danubio que a separa da Roumania, ao nascente pelo Mar Negro, ao sul pela Turquia e a poente pela Servia, a Bulgaria que apenas em 1878 conseguiu libertar-se do servilismo pelo tratado de Santo-Stefano e que só em 1908 veio a completar a obra da sua emancipação rompendo com as disposições tutelares do tratado de Berlin, tem uma superficie aproximadamente egual á do nosso paiz, uma população de 4 milhões de habitantes e uma densidade de 42 habitantes por kilometro quadrado.

Os seus rapidos progressos entre 1878 e 1908 e a historia da sua vida politica nesse espaço de tempo em que se preparou para proclamar a sua independencia, a despeito de todas as complicações da questão balkanica, merecem que nós estudemos as razões de semelhante desenvolvimento.

Se tal fizermos, veremos que o principal factor do rejuvenescimento bulgaro tem sido a instrução popular que nesse paiz do oriente tão a serio tem sido tratado, adquirindo uma perfeição e um desenvolvimento dignos de atenção e de referencia.

Os cuidados com a educação popular e a instrução começaram verdadeiramente entre os bulgaros pouco depois de 1878.

Foi nesta epoca de tanta anciedade para si que esse paiz compreendeu, e bem inteligentemente, os beneficios do ensino e se lançou resolutamente a difundil-o e aperfeiçoal-o com leis felizes e medidas praticas e atiladas, o que lhe permitirá adquirir rapidamente um logar entre os povos de mais cultura na Europa.»

E depois de falarmos sobre as escolas bulgaras e de descrevermos varios processos do seu ensino, frisando o seu belo adeantamento muito superior ao nosso, comentámos:

«A instrução primaria na Bulgaria está em pleno desenvolvimento e é força constatar que apezar do seu povo ser dos mais atrazados e adversos ao progresso na Europa, os seus governos teem operado prodigios, sendo de esperar que os resultados de tão brilhante orientação e de tão inteligentes instituições escolares, sejam dentro em breve os mais lisongeiros e invejaveis.

Paiz menos civilisado do que Portugal, sugeito á opressão de varios povos vizinhos até ha poucos anos ainda, a Bulgaria tem na sua instrução popular uma solida garantia do futuro. Quando dentro de alguns anos chegarem á edade adulta as populações infantis que agora vão frequentando os seus cursos, ultimamente tão aperfeiçoados, não tenhamos duvida disso, a Bulgaria será um dos povos mais adeantados da Europa.»

Nesta guerra a Bulgaria mostrou que está já em edade adulta e que produziram já resultado os admiraveis esforços dos seus governos e o incremento que souberam dar á instrução do seu povo.

O professor primario alemão, venceu as armas francezas em Froeschwiller e a sua arrogancia balofa em Sédan e Metz.

A cultura japoneza venceu a miseravel ignorancia russa em Moukden.

O professor bulgaro, esta vencendo o atrazo turco ás portas de Andrinopla.

Pode mudar-se a sorte da guerra e os coligados sofrerem um revez, esmagados pela avalanche do Crescente.

Mas o ensino e o espirito da Bulgaria estão definitivamente victoriosos.

Reparêmos . . .

ALBERTO SOUTO,
deputado da Nação.

PADRES E CULTUAIS

Excomunhões e excomungados

Na capela da Alumieira, aqui pelos nossos lados, realisou-se ha dias uma festa. Padres para cantarem a missa, padres para acolitarem, padres para prégarem, tudo á custa dos devotos de S. Lucas, que festas a Deus e aos Santos sem dinheiro dos devotos é coisa que não ha.

Eis senão quando, ao começar da festa, dois padres souberam que a cultual da freguezia de Esgueira tinha interferencia nessa capela e havia colocado com todos os paramentos e alfaias do culto inteiramente á disposição dos fieis, como é seu dever.

Logo os reverendos se recusaram a tomar parte na cerimonia, dizendo que estava tudo excomungado.

Até aqui bem o caso foi, pois o povo não lhes ligou importancia de maior.

Mas o mais sério da scena foi quando um dos reverendos se lembrou de exigir o dinheiro do sermão que se recusava a prégar.

— Então você não préga o sermão e quer o dinheiro? bradavam os mordomos indignados.

—Se o não prégo, estudei-o. Quero a paga do meu trabalho de estudar o sermão!

Não tardaram minutos que os dois reverendos tivessem de dar ás de Vila Diogo, pois os festeiros estavam resolvidos a pagar-lhes com quatro cacetadas o estudo do sermão de um e as excomunhões do outro.

Depois, apezar dos anatemas, o prior disse a missa, os outros acolitaram, a festa fez-se e o povo ficou-se a rir das fantasticas excomunhões, comendo o seu carneiro e deitando o seu foguete.

Como se isto de excomunhões fosse alguma coisa num tempo em que toda a gente está excomungada a começar pelos proprios padres, que além de mil pecados mortais que todos os dias praticam, sem rezarem o breviario e depois de passarem a noite nos braços das amas, vão consagrar sem confissão nem coisa que se pareça!

E digam depois que são os inimigos que perseguem a religião!

Quem persegue a religião são os padres sem escrupulos e sem inteligencia que fazem cair no ridiculo o sacerdocio e concitam os odios de todos contra a sua ação perturbadora.

O nosso povo tem já os olhos muito abertos e convençam-se disto os senhores padres; quanto mais remarem contra a maré, que tem direito e que tem razão, peor, mil vezes peor, para a sua barriga e para a sua bolsa.

Juizo e prudencia nunca fizeram mal a ninguem.

No proximo numero a "Liberdade„ publicará uma nova carta do sr. capitão Viegas.

Cincoenta anos de Finanças Portuguêsas

O artigo de M. Théry, director de "L'Economiste Européen", na Semana Financeira da "Action„ sobre Portugal

Quasi todos os nossos diarios teem publicado os artigos que na imprensa francêsa e muito especialmente na sua revista *L'Economiste Européen*, tem escrito M. Edmond Thery, que ha poucos mezes, como aqui noticiámos e comentàmos, esteve em Lisboa estudando a nossa situação economica e financeira.

Em *L'Action*, o conceituado jornal de Henry Béranger, escreve M. Théry, em 23 do corrente, o artigo que para aqui traduzimos e que não foi ainda publicado por nenhum outro jornal português.

De 1861, data do começo do reinado de Luiz I, pai do rei Carlos, a 1910, ultimo ano da monarquia dos Braganças, Portugal viveu no regimen de *deficit* permanente e de constante emissão de emprestimos.

Efectivamente, segundo um relatorio que a comissão de Finanças da Camara dos Deputados dirigiu em 12 de março ultimo aos seus colegas dessa camara, vê-se que todos os exercicios financeiros deste periodo de meio seculo se saldaram com excedentes, mais ou menos importantes, das despezas sobre as receitas e que todos se liquidaram com a ajuda de fundos de emprestimos.

Durante o periodo decenal 1860-1861 (o ano financeiro português vai do 1.º de julho a 30 de junho seguinte) a 1869-1870, o total das despezas ordinarias e extraordinarias para os dez anos, elevou-se a 232:098 contos de réis (o conto vale, ao par do ouro 5.600 francos ou 1.000 milréis de 5 francos e 60) enquanto que as receitas ordinarias e extraordinarias apenas atingiram 156.971 contos deixando assim um *deficit* total de 75.127 contos ou seja um *deficit* medio anual de 7.513 contos ou 42 milhões de francos, em numeros redondos.

Para o periodo decenal seguinte: 1871-1872 a 1879-1880, o total geral das despezas ordinarias e extraordinarias foi de 303.589 contos contra 235.740 contos de receitas de toda a natureza, deixando um *deficit* global de 67.849 contos, constituindo uma media anual de 7.513 contos ou 38 milhões de francos.

No curso do periodo 1880-1881 a 1889-1890, a situação financeira de Portugal agravou-se, porqne as despezas totais se elevaram a contos de reis, 412.589 enquanto que as receitas ordinarias e extraordinarias reunidas não passaram de 330.125 contos, o que creou um *deficit* de 82.464 contos para o periodo inteiro, ou seja um *deficit* anual de 8.246 contos ou 46 milhões de francos.

O fim deste periodo foi particularmente desastroso para as finanças publicas: depois da morte de Luiz 1.º (19 de outubro de 1889) seu filho Carlos 1.º, então da edade de vinte e seis anos, viu-se em graves dificuldades.

Os portuguêses tinham pensado sempre—e a teoria do *hinterland* admitida pela conferencia de Berlim confirmou-os nesta persuasão — que poderiam juntar, sem solução de continuidade, as suas possessões do este africano com Angola. Proseguiam eles nestes intuitos quando os Makololos do Chire, declarando-se subditos britanicos, lhes cortaram o caminho.

Portugal não se considerou batido; ocupou Manica, obteve muitos tratados le protectorádo do proprio Nyassa e enviou novas missões na direcção de Angola: as companhias comerciais inglêsas do Nyassa, as missões britanicas e o governo do Cabo protestaram e depois de muitos mezes de negociações, a Inglaterra, pelo ultimatum de 11 de janeiro de 1890, exigiu brutalmente a retirada das tropas portuguêsas da região contestada chegando a impôr ao governo de Lisboa, o abandono de Manica, e a obrigação de não alienar nenhuma parcela das suas colonias do leste africano sem o assentamento do governo britanico.

Portugal teve que ceder ás suas poderosas rivais, mas a humilhação sofrida pelo paiz creou uma excitação tal em Lisboa e nas principais cidades do reino que o governo viu-se obrigado a tomar medidas de repressão e a suspender alguns jornais, o que provocou contra a monarquia um descontentamento quasi geral.

Sob a influencia destes acontecimentos o *deficit* orçamental dos dois exercicios de 1888-1889 e 1889-1890 elevou-se a 14.135 e 13.241 contos, enquanto que a media do periodo decenal 1880-1890 se estabelece em 8.246 contos.

A crise monetaria brazileira de 1890-1891 teve uma repercussão desastrosa sobre as finanças, o credito e o cambio de Portugal, privando bruscamente este paiz de remessas de ouro que os portuguêses estabelecidos no Brazil efectuavam muito regularmente. A falencia da casa Baring, de Londres, que era então o principal banqueiro do Estado luzitano, veio comprometer irremediavelmente a situação e depois do panico que fez desaparecer em alguns dias toda a moeda de ouro e prata que circulava no interior do reino, o governo decretou uma *moratoria* de sessenta dias (10 de maio de 1891).

Nós veremos um dia, fazendo a historia da Divida Publica Pertuguêsa, porque processo, verdadeiramente extraordinario, o governo do rei Carlos reduziu arbitrariamente os da divida exterior de 66 °|o (decreto de 13 de junho de 1892) e como a lei de 20 de maio de 1893 consagrou este acto pouco escrupuloso que nem sequer teve como desculpa a extinção do *deficit*, porque, apesar da espantosa amputação nos interesses dos credores externos que foram as principais vitimas, as despezas ordinarias e extraordinarias, do periodo de 1890-1891 a 1899-1900 passáram ainda de 64.855 contos as receitas ordinarias e extraordinarias, deixando, para o periodo inteiro, um deficit medio anual de 6.486 contos ou 36 milhões de francos.

O periodo 1900 a 1910 teve um deficit menos elevado que o dos tres periodos decenais precedentes, graças ao convenio efectuado em 1902 entre o governo português e os credores externos (convenio de que nós falaremos) e graças ao melhoramento da situação economica e financeira do paiz, provocada ao mesmo tempo pelo aumento da produção nacional, agricola e industrial e pela renovação das remessas de ouro do Brazil.

Efectivamente as receitas ordinarias que não tinham sido, em media, senão 32.556 contos por ano durante o periodo de 1880-1890, elevaram-se a 46.820 contos, no periodo de 1890-1900 e atingiram 59.921 contos de 1900 a 1910.

Os resultados orçamentais deste periodo, acabando em 30 de junho de 1910, isto é tres mezes antes da proclamação do Republica Portuguêza, traduziram-se em um deficit medio anual de 4.063 contos, cerca de 23 milhões de francos.

Assim durante os cincoenta ultimos anos da monarquia dos Braganças, os orçamentos de Portugal saldavam-se com um deficit total de 330.927 contos (1.853 milhões de francos) representando um deficit medio anual, por todo o periodo, de 6.619 contos (37 milhões de francos) isto é um excedente de despezas de 18 °|o em relação com as receitas ordinarias e extraordinarias.

E' digno de notar-se que o deficit dos dois ultimos periodos decenais teria sido consideravelmente mais elevado sem a falencia de 1892 que arbitrariamente reduziu os interesses da divida publica de 30 °|o para a divida interna e de dois terços para a divida externa.

Assim pois a monarquia legou á Republica um orçamento em *deficit* permanente e processos de administração financeira deploraveis por certos lados, processos que serão precisos muitos anos para fazer desaparecer e para harmonisar com os verdadeiros interesses do paiz.

Os empregados do Estado eram mal pagos, mas em compensação pouco asssiduos e pouco competentes e levavam para o exercicio das suas funções uma honestidade muita relativa.

A administração financeira tornou-se o refugio dos incompetentes e era por simples favor que os logares se obtinham. Daí os resultados: por um lado as despezas, sem *control* serio, excediam quasi sempre as receitas, enquanto que as receitas ficavam sempre muito abaixo das previsões porque certos grandes contribuintes aproveitavam-se da sua situação ou das suas relações politicas para pagarem menos impostos do que deviam realmente e defraudavam o fisco.

O governo republicano melhorou já a situação, mas terá ainda que empregar uma grande perseverança e muita energia para atingir o fim que se propoz e que M. Vicente Ferreira, ministro das finanças, precisou, dizendo-me: «Nós conseguiremos finalmente o equilibrio dos nossos orçamentos, por uma perceção das nossas receitas ordinarias e por uma fiscalisação mais sevéra de todas as nossas despezas.

Edmond Thery
Directeur de *l'Economiste Européen.* (de *l'Action.* Tradução d'*A Liberdade*)

ALMANAQUE DA "LIBERDADE„ PARA 1913

com uma larga informação sobre todo

O DISTRITO DE AVEIRO

inserindo além de muitas curiosidades e inumeros esclarecimentos de interesse geral

Uma Guia do Touriste

e uma

Carta itineraria

deste belissimo trecho da Terra Portuguêsa para uso dos viajantes e automobilistas

A Empreza da *Liberdade* que não se poupa a trabalhos nem se furta a riscos para fazer a maior propaganda do distrito de Aveiro, de tudo quanto é novo, util e generoso, de tudo quanto representa engrandecimento e progresso, de tudo quanto é digno de ser seguido e imitado a bem do povo e do paiz, fazendo todos os dias nesse sentido uma tenacissima campanha, vem mais uma vez contribuir com a sua iniciativa, com o seu arrojo e com a sua acção para o desenvolvimento desta magnifica região de Portugal, procurando torna-la conhecida e visitada como merece.

O **Almanaque** que nos propuzémos publicar para 1913 é mais um elemento de vulgarisação dos encantos desta faxa da beira-mar, cingida pelos pitorescos contrafortes do coração das nossas montanhas, onde é preciso atraír todos os nacionais que desejam conhecer o seu paiz e todos os estrangeiros que querem gozar as delicias da nossa paisagem, do nosso ceu e do nosso clima.

* * *

O **Almanaque d'«A Liberdade» para 1913** que deverá ser posto á venda em meados de dezembro, será uma elegante brochura de 100 a 200 paginas com grande numero de gravuras representando alguns dos mais interessantes pontos do nosso distrito.

Grande numero de anuncios de importantes casas comerciais, cujos proprietarios já compreendem admiravelmente o valor do réclame, sem o qual, modernamente, não ha comercio que saia da acanhada esfera do quinquilheiro de aldeia, serão distribuidos pelas suas paginas.

Para isso dirigiu a Empreza de *A Liberdade* uma circular aos comerciantes do distrito, cujos nomes são publicados no Anuario Comercial e que julgou capazes de fazerem propaganda dos seus estabelecimentos e de conhecerem o valor de semelhante publicação, oferecendo-lhe a inserção de um anuncio pelos precos diminutos de 300, 500 e 1$000 réis, sem o auxilio do que se não poderia fazer face ás avultadas despezas de tal cometimento.

Correspondendo a esse convite, enviaram-nos já magnificos anuncios, as seguintes importantes casas:

Sociedade das Aguas da Curia, Anadia; ferragens, drogaria, etc. Domingos José dos Santos Leite, Aveiro; Colossal de Mamodeiro, fazendas, adubos, etc., Costa do Valade; Grandes Armazens do Chiado, Aveiro; Confeitaria Apresentação Peixinho, Aveiro; bicicletes Pompilio Ratolla, Aveiro; serralheria Alvaro de Albuquerque, Aveiro; «A Democrata», fabrica de bolachas e armazens por junto, Aveiro; Confeitaria Maria da Encarnação Mourão, Aveiro; Modas e confecções Eduardo Ozorio, Aveiro; Fabrica de Louça dos Santos Martires, Alfaiateria Antéro; João Campos da Silva Salgueiro & Filho; Padaria Bijou; Bernardo de Sousa Torres; Padaria Macedo; João Mendes da Costa; Francisco Ferreira da Maia; João Salgado, Fermelã, (Estarreja); Retrozeiro Espanhol Gonzalez e Irmão; Hotel Sucena (Agueda); Joaquim Ferreira Felix; José Gonçalves Gamelas; Luiz da Cruz Moreira; Antonio M. Miranda, (Ilhavo); Antonio Vilar; Chapelaria Anadiense (Anadia).

De outras casas esperamos ainda os seus anuncios já prometidos, como do Colegio Aveirense, Trindade & Filhos, Ricardo Pereira Campos, Pompeu da Costa Pereira, Fabrica de Ceramica e Serração Pereira Campos, Antonio da Cruz Bento & Filhos, etc.

Todos os srs. comerciantes que desejem anunciar no nosso **Almanaque**, não poderão demorar as suas respostas, pois dentro em breves dias se começará a impressão.

O Almanaque d'«A Liberdade» para 1913 será um livro indispensavel e verdadeiramente util.

O CARVÃO EM PORTUGAL

As minas de S. Pedro da Cova

Uma entrevista com o secretario da empreza exploradora

Encontrando ha dias o sr. Armindo Peixoto, um dos societarios das minas de carvão de S. Pedro da Cova, desejámos colher dele algumas impressões sobre a exploração do importante jazigo carbonifero, a que a imprensa tanto se tem referido e que se estende por S. Pedro da Cova, Mont'Alto, Ervedoza e Ribeiro da Murta. na região do norte, perto do Porto.

—Extraiam-se a principio, diznos o sr. Armindo Peixoto 30 a 40 toneladas por dia de bom carvão.

— Frisemos primeiro as dificuldades com que até agora se lutou. Imagine que só de transporte em primitivos carros de bois pagava-se a 1$200 réis cada carreto. Os caminhos de cabras justificam até certo ponto a exorbitancia, havendo estrada apenas até Gondomar. Vinha o inverno. Os caminhos tornavam-se intransitaveis e as remessas encomendadas atrazavam-se tres e quatro mezes.

—Para onde exportam esse carvão? apenas para o Porto?

—Até ha pouco tempo. De ora ávante é licito esperar mais alguma coisa

—E nunca a empreza reclamou ao governo melhoria de estradas, qualqner coisa, emfim, que facilitasse a sua obra?

—Constantemente, meu caro. E a sua reclamação limitava-se apenas ao pedido de construção dum ramal de caminho de ferro que entroncasse em Valongo com a rêde do Minho e Douro. Como de costume nada se conseguiu. A mina continuava a sua existencia vegetativa, como entre nós todas as emprezas indutriaes . . . de folego. Dai o não poder a primitiva empreza dispor de capitaes para desenvolvimento dos trabalhos.

—E a actual?

—Ha de fazer alguma coisa de maior e melhor, posso afiançar-lho. Associando uma das primeiras casas bancarias do Porto, ali instalámos a nossa séde, na Praça de Almeida Garrett, n.º 28, com escritorio provisorio na rua 31 de janeiro, e um grande deposito tambem provisorio. Para remediarmos desde já a demora das entregas de encomendas que lhe citei, adquirimos já quatro grandes *camions* automoveis que fazem o serviço de transportes entre S. Pedro e o Alto da Serra nas proximidades de Gondomar. Entretanto representámos ao governo pedindo licença para a instalação dum cabo electrico aereo, plano que espera apenas o parecer do conselho Superior de Obras Publicas para a sua efectivação

— Quais as economias provenientes desse melhoramento?

— Uma grande diminuição no preço do carvão. O consumidor, que até agora paga 1$200 réis de carreto por cada 600 litros de carvão de pedra, sujeito ainda á falta de pontualidade na sua entrega, deve vir a pagar metade, pouco mais ou menos. Acrescente agora o lucro que a empreza póde tirar do proprio carreto, lucro que até agora não tem existido e o desenvolvimento da exportação, e avaliará decerto dessas vantagens. O carvão no Porto é quasi todo gasto no consumo particular. O seu grau de calor (7:000 calorias) é mesmo superior ao do inglez. Fabricas ha que tambem o gastam, e se nem todas o adoptam é principalmente porque não pódem estar sujeitas a irregularidades de entrega, como até agora tem sucedido.

—E porque preço fica o carvão de S. Pedro da Cova?

—Ha carvão de tres qualidades. Vendido á boca da mina sae a 4$000 réis o carro (600 litros) de 1.ª qualidade; 2$400 réis o de 2.ª, e 1$700 réis o de 3.ª. A mina emprega cêrca de 700 homens, fazendo uma extracção de 100:000 litros diarios, aproximadamente. Quanto ao cabo aereo partirá de S. Pedro da Cova, com uma estação em Contumil e outra em Rio Tinto, a dois passos do Porto, confinando com a linha ferrea do Minho e Douro, o que representa a maior facilidade na exportação para toda a provincia. Note que na exploração é vulgar o aparecimento de pedregulhos de 200 e 400 kilogramas de peso . . .

— Que extensão atingem os filões carboniferos?

—Segundo as ultimas medições efectuadas por um engenheiro alemão, a totalidade de carvão a descoberto é de 1.800.000 toneladas. Mas ha ainda muito terreno por descobrir. rico em carvão, que muito promete. Tambem a empreza se propõe explorar pelo mais diminuto preço a iluminação electrica da cidade do Porto. Como compreende não lhe faltam meios de a poder realisar em tais condições. Sobre o assunto já a Camara Municipal se pronunciou resolvendo abrir o exclusivo.

Eis as impressões colhidas do activo societario da empreza de S. Pedro da Cova, deveras interessantes para quantos se interessam pelo desenvolvimento economico do nosso paiz e pela exploração das suas riquezas nativas.

CAIXA ECONOMICA POSTAL

Quais as vantagens que oferece aos seus depositarios

A Administração Geral dos Correios e telegrafos fez distribuir as seguintes instruções sobre a Caixa Economica Postal:

A Caixa Economica Postal, creada por decreto com força de lei de 24 de Maio de 1911, tem por fim propagar e estimular o principio da economia, levando o efeito benefico das suas operações até ás povoações mais longiquas e de menor importancia, proporcionando ao publico em geral e, em especial, ás classes menos abastadas, um meio facil e seguro de amealhar as mais insignificantes quantias e tornal-as produtivas, constituindo por esta forma, quasi sem sacrificio, um pequeno capital.

O Estado é responsavel pelas importancias depositadas na Caixa Economica Postal.

As pessoas que desejarem depositar qualquer quantia, em seu nome ou no de terceira pessoa, podem para esse fim apresentar-se na Thesouraria (séde da Caixa em Lisboa) ou em qualquer estação telegrafo-postal, telefono-postal ou postal do continente ou das ilhas adjacentes.

O deposito minimo é de 200 réis no continente e Madeira, e 250 réis (moeda insulana) nos Açores. Não são permitidas frações de 100 réis.

Aceitam-se tambem depositos em selos postais das taxas de 5 a 25 réis, afixados em boletins qne são fornecidos gratuitamente em todas as estações. Cada boletim não pode comportar mais de 200 réis em estampilhas, no continente e Madeira, e 250 réis nos Açores.

As estampilhas devem ser coladas de forma que fiquem separadas umas das outras.

Os depositos efectuados por particulares ou firmas comerciais, vencendo juro, não podem exceder a 1:000.000 réis por ano, ou 3:000:000 réis da totalidade.

As associações de socorros mutuos e outras entidades morais, podem depositar, vencendo juro, até 3:000.000 réis por ano, ou 5:000.000 réis na totalidade.

São permitidos, tanto a particulares como a sociedades ou associações, depositos superiores ás citadas quantias, mas não vencerão juro.

O juro é de 3 por cento ao ano.

No fim de cada ano economico o juro vencido e não recebido, é capitalisado, começando desde então a render juro.

A' pessoa que fizer o primeiro deposito é entregue gratuitamente uma caderneta postal, nominativa, onde serão inscritas todas as operações que realisar.

Para os juros serem registados nas cadernetas, devem estas ser remetidas á séde da Caixa no fim de cada ano economico.

Aos titulares das cadernetas, quando as confiarem ao correio, para este ou outro qualquer fim, será entregue um certificado, que deve ser restituido á estação em troca da caderneta devolvida.

Os depositantes podem pedir reembolsos parciais dos seus depositos quinze dias depois de emitida a caderneta. O reembolso total só se fará trinta dias, pelo menos, depois do primeiro deposito.

Os reembolsos parciais não podem ser inferiores a 1$000 réis, nem deixar na Caixa saldo inferior a 200 réis.

As mulheres casadas podem pedir cadernetas e fazer depositos e saques sem autorisação dos maridos.

Aos menores tambem é permitido pedir cadernetas e fazer depositos, sem carecerem de autorisação de seus paes ou tutores; não podem, porém, fazer saques se não tendo mais de sete anos de edade.

E' permitido fazer depositos a favor de terceiros. Neste caso o depositante pode estipular as condições em que deve ser efectuado o reembolso.

As operações da Caixa Economica Postal não estão sujeitas ao imposto do selo e as correspondencias dirigidas á séde são isentas de franquia.

Todos os impressos para serviço da Caixa serão fornecidos gratuitamente ao publico.

Os boletins para afixação dos selos postais serão distribuidos ás escolas, fabricas e outros estabelecimentos onde haja numerosa população.

Os directores ou gerentes de tais estabelecimentos poderão ser nomeados agentes da Caixa Economica Postal, gosando as regalias dos vendedores de selos.

A Administração Geral dos Correios e Telegrafos adeantará, aos agentes que o pedirem, uma importancia em selos postais, para os revenderem ao pessoal dos estabelecimentos que dirigem.

As cadernetas devem ser guardadas cuidadosamente para evitar a sua perda ou subtracção. No caso de extravio ou furto, deve informar-se imediatamente a 5.ª Direcção da Administração Geral dos Correios e Telegrafos, para se evitarem reembolsos indevidos.

O Estado não se responsabilisa pelas importancias sacadas por meio de cadernetas extraviadas, quando a referida direcção não tenha sido previamente avisada do facto.

Escusado será encarecer as vantagens desta utilissima instituição que vem favorecer imensamente as classes menos abastadas, ao mesmo tempo que cria para o Estado uma nova fonte de receita. Para as instruções da Administração Geral dos Correios e Telegrafos chamamos a atenção dos nossos leitores certos de que muitos haverá a quem élas possam aproveitar.

"A LIBERDADE,,

vende-se:

Em **Aveiro**, no quiosque da Praça Luiz Cipriano e na Tabacaria Veneziana, aos Arcos;

Em **Lisboa,** na Tabacaria Monaco, ao Rocio;

No **Porto,** em todas as tabacarias e quiosques fornecidos pela agencia de publicações dos srs. A. Dias Pereira & C.ª.

Em **Londres,** na Libraria Hispano-Americana, Charing, Cross-Road, 134;

Em **Paris,** em todas as tabacarias e quiosques fornecidos pela agencia de jornais internacionais de Corbaty Fréres, nos quiosques dos boulevards des Capucines, des Italiens, de Montmartre, etc.

Instrução militar preparatoria

Devem começar em meados do proximo mez de novembro os exercicios de instrução militar preparatoria, 2.º grau, prescritos pela lei militar para todos os mancebos dos 17 aos 20 anos de edade.

E' do maior alcance esta instrução, sem a qual não pode ter viabilidade o serviço activo por tão pouco como aquele que hoje se passa nas fileiras.

Apezar disso, não ha de faltar quem por estupidez, falta de educação ou vergonhosissima moleza, se procure esquivar.

Nem mesmo ha-de faltar a vergonha da empenhoca!

Aos rapazes novos, patriotas e valentes, é que compete mostrar que não são do tempo em que havia pejo de entrar no exercito, mas que pertencem a uma geração que quer aprender a defender a Patria, porque é digna da Patria em que nasceu.

Trabalhos tipograficos

executam-se em todos os generos na

Tipografia d'A LIBERDADE

montada com magnifico material estrangeiro escolhido entre as ultimas novidades.

Faturas, memoranduns, cartões, relatorios, manifestos, anuncios, etc., etc.

Preços excessionaes para os réclames do comercio

Praça Luiz Cipriano—Rua dos Tavares

AVEIRO

A colonia portuguêsa de Shanghai (China) celebra o aniversario da Republica

Shanghai, 6 de outubro

Com a maior pompa e brilhantismo realisou-se hontem no Consulado Geral de Portugal uma festa em comemoração do seguudo aniversario da proclamação da nossa querida Republica, promovida por uma subscrição entre a colonia portuguêsa.

Houve recéção oficial das 4 ás 5,30 p. m. a que concorreram o corpo consular, varias personalidades distintas e a colonia portuguêsa.

Postada em frente do Consulado achava-se uma guarda de honra, composta de voluntarios portuguêses e de *Boys scouts* com a charanga.

A' noite o vasto jardim estava profusanente iluminado com lampiões de côres nacionais, destacando-se a bandeira nacional no alto do edificio consular, repleto de luzes electricas, o que produzia um lindo efeito.

Havia um palco artisticamente erecto, varios pavilhões abundantemente fornecidos de manjares e vinhos finos.

Os festejos começaram ás 9.30 p. m., com grande concorrencia, constando do seguinte programa:

I.— *Marcha aux Flambeaux*, tomando parte os *Boys-Scouts*, Companhia dos Voluntarios e todos os assistentes.

II.— *Fantasia mosaique «copelia»*, Leo Delibes, pela Filarmonica Portuguêsa.

III.— *Valsa.*

IV.—*Seleção* «A Waltz Dream» Oscar Strauss, pela Filarmonica Portuguêsa.

V.—*A Ceia dos cardeais*, peça em um acto, em verso, do celebre poeta Julio Dantas.

VI.—*Two-Steps.*

VII.—*Dança popular portuguêsa* «Vira», por um grupo trajado á minhota.

VIII.—*Valsa*, «Barcarolle», Oscar Freitas, pela Filarmonica Portuguêsa.

IX.—*Valsa.*

X.—*Exercicios com maças indianas*, por um grupo de meninas, no palco.

XI.—*Caninha verde*, pelo grupo do Minho e guitarras.

XII.—*Two-steps.*

XIII.—*Fados*, violas e guitarras nacionais.

XIV.—*Jogo de pau*, á portuguêsa.

XY,—*Caninha verde*, dança para todos.

XVI.—*Selecção*, «Lhe Count of Luxembourg» Franz Lehar, pela Filarmonica Portuguêsa.

XVII.—*Hino nacional.*

Menu da ceia

(Começou ás 11 horas da noite.)

Consommé.
Petits feuilletés á la finançiére.
Croquettes. Galantine Boavista.
Paté de foie gras en Belle-Vue.
Dinde rôtie truffée. Selle de nouton á l'Anglaise.
Faisan garni á la chasseur.
Salade Russe.
Langue écarlate
Viandes froides.
Salade de saison Jambon d'York.
Sandwiches assortis.
Bombe au chocolat.
Glaces assorties. Galée á l'Estoril.
Petits fours.
Gateaux assortis.
Friandises.
Thé.
Vins.

Recéção Oficial das 4 ás 5.30 P. M.

Guarda de honra feita pelos Voluntarios Portuguêses da Cia. do Coronel Mesquita e pelos *Boys Scouts*.

Todos estes numeros foram admiravelmente executados salientando-se a marcha aux flambeaux a dança popular portuguêsa *Vira*. O que mais agradou foi, sem duvida, *A ceia dos cardeais*, quer pela peça, quer pela maneira como foi desempenhada.

Fca aqui um palido resumo da festa portuguèsa em Shanghai que terminou com o hino nacional *A Portuguêsa*, entre entusiasticos vivas á Republica, retirando-se todos muito penhorados pela maneira gentil e captivante como foram recebidos.

E' digno de rasgado encomio o valioso concurso do nosso presado Consul, ex.mo sr. Barjona de Freitas, não só para a grandiosa comemoração desse dia solene como tambem para incutir no animo de todos os portuguèses, neste torrão extrangeiro, amor e respeito á Republica.

Silvestre.

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe

AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru. Azeite de peixe. Utensilios para amanho de barcos. Cordoame e poleame.

Licôres e aguardente.

Papelaria, objectos de escritorio e diversas meudezas.

Encomendas postais internacionais

De todos os ramos dos serviços publicos é, por certos, o do correio, o que mais relevantes serviços presta ao publico em geral e em especial ao comercio, e que maior desenvolvimento tem tomado.

Dos serviços do correio um ha que se destaca no seu aumento progressivo e é ele o das encomendas postais (serviços internacionais).

Os numeros abaixo não deixam duvida alguma do quanto é importante tal serviço.

As encomendas internacionais manipuladas pela 2.ª secção dos serviços de encomendas, durante o ano de 1911-12 foi de 378.682.

A importancia dos dinheiros arrecadados pela referida secção, pelas rubricas abaixo descritas, foi de 472:064$632.

*

Saldo em dinheiro de rubricas diversas.		969$082
Operações de tesouraria:		
Adiantamentos	400$000	
Credito dos correios estrangeiros.	174$415	
Cobranças internacionais . .	34:348$220	34:922$635
Rendimento postal:		
Taxas internacionais	4:305$418	
Taxas de devolução	187$870	
Empacotagens .	73$900	
Multas	1$000	
Lucro na venda do material para empacotagens	290	
Anuidades para assistencia ao despacho. . .	808$500	
Franqnia de encomendas internacionais .	6:8019835	
Franquia de armazenagem ,	488$970	
Franquia de pedidos de esclarecimentos	15$750	42:683$533
Direitos aduaneiros:		
Consumo	50$519	
Importação	424:438$683	124:489$382

Resumo:

Saldo ano economico anterior	969$082
Operações de tesouraria	33:922$635
Rendimento postal	12:683$583
Direitos aduaneiros	424:489$392
Total Rs.	472:064$692
O saldo em bilhetes de importação que ficaram por liquidar em 30 de junho de 1911 foi de réis	7:306$935
Que adicionados a .	472:064$632
Dá em movimento de Rs.	479:371$567

Vamos enviar para o correio os recibos das assinaturas em atraso. A todos os nossos subscritores pedimos a finesa de os satisfazerem logo que eles lhes sejam apresentados a fim de não sofrerem interrução na remessa da "Liberdade,,.

PELA IMPRENSA

Com o seu ultimo numero, completou um ano de existencia o nosso presado colega *Progresso de Alquerubim*, dirigido pelo nosso velho amigo Antonio Augusto Miranda. O *Progresso de Alquerubim* è um jornal vivo e interessante que muito se tem distinguido pela forma brilhante porque defende os bons principios republicanos.

Cumprimentamo-lo, desejando-lhe longa vida.

Conta tambem mais um aniversario o nosso colega local *Progresso de Aveiro*, que comnosco tem mantido a mais leal camaradagem.

Ao seu director e nosso amigo sr. Joaquim Ferreira Felix, as nossas cardeais felicitações.

EXPLICADOR, 1.º ano dos liceus. Nesta redação se diz.

Pela Cidade e pelo Distrito

AVEIRO

O inquerito da "Liberdade,,

Fala o presidente da Associação Comercial d'Aveiro

O sr. dr. Luiz de Brito Guimarães, presidente da Comissão Municipal Administrativa d'Aveiro, que nos havia prometido uma entrevista com que abririamos o nosso inquerito, não poude, pelos seus muitos afazeres, satisfazer o seu compromisso.

Forçoso nos era, pois, procurar alguem que se prestasse a dizer-nos qualquer coisa sobre as necessidades locais, e esse alguem fômos nós encontrá-lo á volta com a escrituração da sua casa comercial, que é uma das mais importantes desta cidade. O sr. José Gonçalves Gamellas, presidente da Associação Comercial, recebe-nos amavelmente e, depois de lhe expôrmos o fim da nossa visita, fala-nos com entusiasmo do inquerito da *Liberdade* pelos beneficios que dele podem resultar para o distrito, augurando-lhe o maior exito.

— Creia, diz-nos o sr. José Gamellas, que ha-de encontrar o melhor acolhimento em todos os que, como eu, desejam vêr terminada de vez todas as rivalidades locais que teem sido o maior entrave ao engrandecimento da cidade e iniciada outra politica mais sã e mais nobre do que a que se tem seguido até aqui, que é a politica dos grandes melhoramentos e das grandes reformas sociais. Falo-lhe, agora, na generalidade, porque o que tem sucedido em Aveiro é o mesmo que se tem dado em quasi todo o paiz.

Louvo-lhe, por isso, o seu jornal e faço votos porque a sua iniciativa, como espero, seja secundada por todo o resto da imprensa.

Falamos em seguida do que ha a fazer para tornar a cidade digna de ser visitada pelos muitos *touristes* que diariamente percorrem o paiz.

—Parece-me, comenta o nosso entrevistado, que nada podemos conseguir enquanto não tivermos um hotel que ofereça as comodidades a que hoje estão habituados os que viajam por distracção. Aì tem uma das maiores, senão, a maior necessidade local. E, todavia, parece-me que era uma empreza, em que, sem receio, poderiam entrar alguns dos nossos capitalistas. A unica dificuldade seria a de não encontrarem casa apropriada, mas, como sabe, tudo se consegue desde que haja boa vontade e capitais.

Depois deveriamos tratar a serio do embelezamento da cidade. O edificio onde se acham instaladas a Camara Municipal, o Tribunal e a Cadeia Civil, carece para decôro nosso, sofrer uma reforma radical. E como este, muitos outros que nos envergonham aos olhos dos nossos visitantes. Todavia, forçoso é confessa-lo, já depois de proclamada a Republica, alguma coisa se tem feito. Entre muitos outros, que seria fastidioso enumerar-lhe, a construção do ramal de S. Roque é um melhoramento importantissimo pelos altos beneficios que vai prestar ao comercio.

A linha deve estar concluida em meados do proximo mez de novembro, segundo as minhas informações. Resta depois alargar a ponte de S. Gonçalo, demasiadamente estreita para o movimento de barcos que deverá ser colossal desde que funcione o ramal de S. Roque.

Creio, porem, que a Junta da Barra está disposta a fazer essa obra que, como lhe disse, é da maior urgencia. Queria ainda falar-lhe do abastecimento de aguas, estabelecimento de marcos fontenarios etc. mas não posso hoje alongar-me em mais considerações por ter de tratar de alguns assuntos inadiaveis. Ficará isso para outra ocasião.

Rui da Cunha e Costa.

A proposito do Rebocador para a barra de Aveiro

Palavras de justiça

No seu ultimo numero o nosso presado colega o *Progresso de Aveiro*, orgão do partido evolucionista nesta cidade, tem palavras de justiça para com o director de *A Liberdade* a proposito da vinda de um rebocador para a nossa barra, cuja necessidade nos não temos cansado de provar quer na imprensa, quer no Parlamento quer junto de todos os ministros da marinha que temos conhecido.

Penhoram-nos as palavras desinteressadas que esse jornal nos dirige, nestes tempos de mesquinhas invejas em que nem dos correligionarios antigos se tem o reconhecimento dos esforços honestos feitos pelos interesses publicos.

Quando nós vêmos antigos companheiros de luta fazerem as mais ridiculas cabriolas para se furtarem a confessar a justiça que nos é devida e, quando os vêmos mordidos pelos mais ruins sentimentos, malsinarem as melhores das nossas intenções e dos nossos trabalhos, é grato constatar que aqueles que nem sequer teem para comnosco deveres de solidariedade e camaradagem politica, se sabem comportar cavalheirescamente, sem se deixarem obsecar pelas baixezas da politiquice e dos despeitos pessoais.

Agradecemos ao *Progresso de Aveiro* as suas palavras bem consoladoras no meio das ingratidões que temos experimentado e fazemos votos por que nas questões de interesse local, pelo menos nunca a politica nos separe, mas sejamos todos como um só em defeza dos interesses e dos progressos desta terra.

*

Ao *Campeão das Provincias* e *Povo da Murtoza* e a outros jornais que teem tratado do assunto, agradecemos tambem as referencias que se dignaram fazer-nos a que saberemos corresponder com a mesma justiça e lealdade e reconhecimento com que, para todos os que o merecem, nos sabemos comportar.

Não somos daqueles que mendigam elogios nem buscam a popularidade com exibições balofas; não somos daqueles que se amofinam com o esquecimento dos seus humildes trabalhos e com as facadas que nos vibra qualquer rabiscador de papeleta infectada ou qualquer má lingua proficional das esquinas; mas somos daqueles que sentem e conhecem bem os propositos dos invejosos réles, inuteis e perigosos que passam a vida inteira sem um gesto nobre uem uma acção proficua, a malsinar tudo e todos e a inutilisar e rebaixar o que os outros fazem de aproveitavel e bom.

Numa terra e numa epoca, então, em que vêmos tantos que se aproveitam dos nossos serviços e dos nossos auxilios, atirar parelhas seguidas aos astros a vêr se nos apanham, as palavras de justiça são de agradecer e são de honrar.

O "Azinheira,,

Regressa por estes dias a Lisboa o rebocador *Azinheira* que aqui veio para auxiliar a entrada na barra dos navios provenientes da pesca do bacalhau.

Coisas de terra pequena

Na sexta-feira ultima, tendo chegado de fóra o director deste jornal, ás 7 horas da noute, foi chamado á redacção pelo seu colega Rui da Cunha e Costa que lhe disse nervosamente :

—«*O Democrata* diz que a unica fórma de nos responder, se alguem tomasse a responsabilidade do que lhe dissémos na *Liberdade*, seria com um escarro.»

Ouvimos e pedimos para repetir. Rui da Cunha e Costa repetiu, precisando os termos.

A nossa resposta, pronta, foi a seguinte : — quando qualqner de nós encontrar o Arnaldo Ribeiro diz-lhe que toma a responsabilidade do que aqui se escreve.

Ele tenta cuspir, para cumprir o que diz, e antes que o faça, tem duas bofetadas bem puxadas na cara.

Rui da Cunha e Costa confirmou resoluto—ainda que tu o faças primeiro, isso não impede que eu o faça tambem.

— Está resolvido! e vamos lá á procura disso.

E saimos efectivamente.

Momentos depois vimos debaixo dos Arcos, á porta da Veneziana, o sr. Arnaldo Ribeiro. Alberto Souto disse para o seu colega—primeiro eu; quando acabar, tu! e avançou do principio da ponte para Arnaldo Ribeiro que conversava com os srs. Romão Junior e sargento Prazeres e ao qual se chegou com as mãos nos bolsos.

— Sr. Arnaldo Ribeiro : sou eu que tomo a responsabilidade do que se escreve na *Liberdade*. Que me deseja ?

— Coisa nenhuma, retorquiu Arnaldo Ribeiro.

— Perdão, o senhor, segundo me referem, diz no seu jornal que, se houvesse alguem que tomasse a responsabilidade do que se escreve na *Liberdade*, que lhe queria alguma coisa!

— Eu, não senhor. Já lêu ? disse Arnaldo Ribeiro.

— Não leio isso. Mas disseram-m'o. Estou aqui ás suas ordens, eu, o director da *Liberdade!*

— Mas eu não lhe quero nada! repetia Arnaldo.

Voltámo-nos, então, para os srs. sargento Prazeres e Romão Junior e dissémos-lhes—os senhores vêem e ouvem que o sr. Arnaldo Ribeiro, tendo na sua frente quem toma a responsabilidade do que se escreve na *Liberdade*, porque nesse jornal ha quem saiba sustentar em todos os campos o que ali se diz, não lhe quer nada e foge á responsabilidade do que escreve!

Voltámos as Costas. Rui da Cunha e Costa enojado, tambem, voltou egualmente as costas.

O nôjo que semelhante baixeza nos causara, foi mais forte que o impulso natural de lhe darmos a ele a resposta que ele não teve a coragem de nos dar.

Mas é que quando nos dirigimos ao sr. Arnaldo Ribeiro, directar do *Democrata*, julgavamos que nos dirigiamos a alguem capaz de sustentar o que escreve, capaz de fazer o que diz e capaz de se defrontar com um homem.

Tinhamo-nos enganado.

Pela nossa parte, provámos mais uma vez, que fazemos tudo o que dizemos e que sustentamos tudo quanto aqui se escreve, em toda a parte onde seja preciso sustentar-se. Procedem assim—os homens!

Interesses locais

Telefones

A comissão que expontaneamente ha tempos se formou na cidade para promover o estabelecimento de uma rede telefonica e que era composta pelo sr. dr. Luiz Guimarães, presidente da Camara Municipal, Joaquim Soares, empregado do Banco de Portugal e Alberto Souto, director de *A Liberdade*, voltou já a ocupar-se deste importantissimo assunto em torno do qual nós fizémos aqui uma viva e entusiastica campanha.

Essa comissão pede a todos os cavalheiros da cidade e arredores que desejem telefone em sua casa, lh'o comuniquem sem perda de tempo.

Estação do Caminho de Ferro

Julgamos que è tempo de Aveiro pedir á Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguêses alguns melhoramentos para a nossa estação, que se está tornando bem pouco propria de uma cidade capital de distrito, que tem assim um movimento de passageiros.

Devemos á Companhia a linha de S. Roque, mas a estação não pode passar mais tempo sem uma cobertura nas gares do nascente, onde se faz todo o serviço dos comboios rapidos e dos tranwais vindos do Porto.

No inverno, quando chove, o acesso e a permanencia nessas gares que são ridiculamente estreitas, torna-se impossivel e perigoso. Além disso a estação não tem uma sala de espera decente e carece de outras obras e melhoramentos que nós temos todo o direito de reclamar da companhia.

Lembramos este caso á Associação Comercial e á Camara Municipal de Aveiro.

Ao sr. comissario de policia

Pedimos, mais uma vez, providencias a sua ex.ª contra as scenas vergonhosas que na cidade a toda a hora estão dando individuos embriagados; para as insofriveis berratas que a deshoras se fazem nas ruas, incomodando toda a gente; para o peditorio das creanças que vagueiam na cidade; para a forma porque os cocheiros e carreteiros impedem a saída e o acesso dos passageiros ás portas da estação; para a canzoada que infesta as ruas e para tantas outras irregularidades que a policia não descobre e que fazem de Aveiro uma verdadeira aldeia.

Luiz Firmino de Vilhena

Partiu ontem para Lisboa, onde vai fixar residencia e ser empregado no ministerio da justiça, o nosso particular amigo sr. Luiz Firmino de Vilhena, filho do nosso colega do *Campeão das Provincias* sr. Firmino de Vilhena. A' estação foram-se despedir de Luiz Firmino muitas pessoas das suas relações em quem o seu belo caracter e o seu trato agradavel deixam verdadeiras saudades.

FALECIMENTO

Por motivo do falecimento de sua irmã, está de luto o sr. dr. José Elisio da Gama Regalão, meritissimo juiz de direito desta comarca.

Apresentamos-lhe as nossas respeitosas condolencias.

Após um prolongado sofrimento, faleceu ha dias, o sr. Anibal Telles, filho do sr. José Monteiro Telles dos Santos Junior e da sr.ª D. Laura Ferreira Felix e sobrinha dos srs. Joaquim Ferreira Felix, João Ferreira Felix e Guilherme Augusto Pinto.

Anibal Telles, que cursava o 7.º ano dos liceus, era um espirito culto e um caracter honestissimo, motivo porque gosava de inumeras simpatias.

A toda a familia enlutada e especialmente a seus pais, que continuam inconsolaveis, enviamos a expressão sentida das nossas condolencias.

Homenagem a Alexandre Vidal

A pessoa que tinhamos encarregado de nos dar algumas notas sobre a homenagem que no ultimo domingo foi prestada em Fermentelos a Alexandre Vidal, por uma numerosa comissão de professores primarios, não nos forneceu ainda os elementos suficientes para darmos uma noticia circunstanciada dessa sentida manifestação.

O nosso solicito correspondente de Alquerubim, porém, dá bem uma ideia da imponencia que revestiu o cortejo em que se incorporaram cerca de duas mil pessoas de todas as classes sociais.

O director e o secretario deste jornal, não poderam, com grande pesar seu, manifestar, mais uma vez, o alto apreço em que tinham as qualidades de inteligencia e de caracter que tornaram Alexandre Vidal imensamente querido de todos aqueles que tiveram a ventura de o conhecer.

Que nos desculpem os seus parentes e aqueles que gentilmente nos convidaram para assistirmos a essa homenagem.

Ribeiro d'Almeida

A Sociedade Academica Portuguêsa de Lausanne convida-o a visitar a sua séde e oferece-lhe um copo de agua

O nosso amigo Vasco Soares, estudante em Lausanne, escreve-nos daquela cidade, em data de 23, comunicando-nos encontrar-se ali o sr. Julio Ribeiro d'Almeida, ilustre governador civil deste distrito.

A Sociedade Academica Portuguêsa, convidou-o a visitar a sua séde, oferecendo-lhe uma taça de champagne, amabilidade a que s. ex.ª correspondeu oferecendo tambem a todos os portuguêses, residentes em Lausanne, um lauto banquete que decorreu sempre com grande entusiasmo. O sr. Ribeiro d'Almeida tenciona retirar da Suissa por estes dias.

Praça de touros em Aveiro

A garraiada promovida pelo sr. Antonio Souto Ratolla

Conforme temos anunciado é no proximo domingo que, na praça de touros desta cidade, se realisa a garraiada promovida pelo distinto aficionado sr. Antonio Souto Ratolla.

Tomam parte nela o laureado cavaleiro tauromaquico de Lisboa Bento de Araujo e os bandarilheiros srs. Mateus Falcão, João Cal, Albino Martins, Alfredo Coimbra, José de Melo (Paquete) e Souto Ratola.

Coadjuva a lide o novilheiro Paleno. Um valente grupo de forcados composto pelos distintos aficionados, srs. Antonio da Rocha, Pompeu da Naia, Antenor de Matos, Azuil da Rocha Pinto, João Cristão, Americo Barreto, Abel Ferreira da Encarnação, fará a casa da guarda e as pegas que o sr. inteligente determinar. A corrida é dirigida pelo conhecido sportman portuense sr. Ricardo Arroio. Serão lidados 8 garraios da ganaderia do sr. José da Casada.

Os bilhetes encontram-se á venda nos estabelecimentos dos srs. Bernardo Torres, Ricardo Pereira Campos, e Augusto Carvalho dos Reis e no dia da tourada, do meio dia em deante, na bilheteira da praça.

Abrilhanta esta corrida a reputada banda dos Bombeiros Voluntarios

Atendendo á curiosidade que está despertando esta sensacional garraiada, pelas simpatias de que gosa o seu promotor e pelos elementos de reconhecido merito que nela tomam parte, é de esperar que a praça se encha por completo.

"Na Liberdade,,

Estiveram em Aveiro, dando-nos o prazêr da sua visita, o sr. J. S. Lopes Vieira, redactor do nosso colega *Primeiro de Janeiro*, e o distinto escritor sr. Domingos Guimarães.

= Tambem esteve nesta redacção o sr. Bento de Araujo, cavaleiro tauromaquico que no proximo domingo tomará parte na garraiada promovida pelo sr. Antonio Souto Ratolla.

Prisão de um assassino

Foi preso pelo guarda civil n.º 21, Manoel Rodrigues de Carvalho, natural de Macinhata do Vouga e que ha seis mezes trabalhava como carreiro em Aveiro, por ter confessado ser o autor do crime de assassinio que ha tres anos se cometeu em Lisboa na pessoa da meretriz Laura da Conceição. O Manoel de Carvalho foi enviado para Lisboa, sendo aí interrogado e confessando novamente o crime de que é acusado.

TORNEIO DE TIRO

Conforme estava anunciado realisou-se, domingo, o torneio de tiro na carreira da Gafanha tomando parte nele os atiradores que durante o ano a frequentaram.

Em virtude da grande distancia que separa Aveiro daquele local, diminuto foi o numero dos inscritos do ano passado que a ela novamente voltaram sendo por isso insignificante a concorrencia daqui ao referido torneio.

Dos de Ilhavo poucos tambem lá se apresentaram o que é para admirar se atendermos a que está a meia duzia de passos do local designado.

Ao sr. Capitão Viegas cabem todos os louvores em razão dos esforços empregados para levar a efeito tão patriotica festa que, pena é só interesse a um tão diminuto numero.

Os atiradores inscritos formaram dois grupos, segundo o regulamento do tiro.

O 1.º formado pelos atiradores especiais e da 1.ª classe.

O 2.º formado pelos de 2.ª e 3.ª classe.

Tirados á sorte os numeros de ordem e alvos começou, o fogo sendo o seguinte o resultado :

1.º Grupo: Dr. Joaquim de Carvalho, Manuel Sacramento, Manoel Gil, José Sacramento e José Guerra.

2.º Grupo: Agnelo Regala, Bernardo Torres e Arnaldo Ribeiro.

Ao sr. Artur Reis, que aliás é um belo atirador tendo entrado e obtido uma elevada classificação nos concursos que ultimamente se realizaram em Lisboa. No 4.º tiro descamisou-se-lhe a bala não tendo por isso atingido o alvo.

Sua ex.ª protestou imediatamente e á noite entregou ao sr. director da Carreira uma reclamação por escrito que vai ser enviada ao Ministerio da Guerra.

Pena é que se não tenha regulamentado de forma a prever casos daqueles, de maneira a que todos venham satisfeitos com o resultado final. A seguir publicamos o protesto do sr. Artur Reis que, se nada mais obtiver, de certo conseguirá que se regulamente o tiro em sentido de se solucionarem mais rapida e regularmente acidentes daquela natureza.

PROTESTO

Ao Ex.mo Ministro da Guerra

Artur dos Reis, atirador de 1.ª classe diplomado, inscrito com o n.º 101 na carreira de tiro da guarnição de Aveiro, vem perante V. Ex.ª protestar contra a forma injusta como foi julgada a sua reclamação apresentada durante o torneio de tiro que se realisou no dia 27 do corrente mez, na mesma carreira, pelo juri que a ele presidia e que se compunha dos srs. dr. Samuel Maia, capitão Rosa Martins e alferes Gaspar Ferreira.

Havendo o signatario concorrido ao mencionado torneio, aconteceu que tendo-lhe sido distribuidos os cinco cartuchos regulamentares (numero egual ao que foi distribuido aos outros concorrentes) uma das balas distribuidas a ele, protestante, *descamisou* ao sair da arma, caindo a alguns metros de distancia.

Outras vezes alem desta sucedeu durante o ano, uma ou outra bala se *descamisar*, sendo dito pelo director da referida carreira, nessas ocasiões, não só a ele reclamante como a mais atiradores que, em dia de concurso, não seriam contados tais tiros. Sendo assim e logo que no dia do torneio se repetiu o caso de a bala se *descamisar* (e sem que o reclamante tivesse ainda apresentado a sua reclamação) em voz alta foi dito pelos Ex.mos presidente do juri e director da mesma carreira e ainda por mais atiradores, que ao reclamante deveria ser dado outro cartucho, visto não ser responsavel pelo seu mau fabrico. Os outros ditos membros do juri, srs. capitão Martins e alferes Caspar Ferreira, que se encontravam a distancia e que por isso não poderam, como eles proprios o declararam, saber como o caso se havia passado, não se importando com o testimunho dos ex.mos presidente do juri e director da carreira, atenderam de preferencia a um atirador que apezar de reconhecer, tambem que a referida bala se havia *descamisado* ameaçava todavia o juri de reclamar lhe fosse fornecida uma bala em substituição doutra que havia marcado *poucos pontos*, visto ter-se-lhe *engatilhado a arma*.

O juri desatendeu o reclamante. Da resolução do juri resultou uma grave injustiça, ficando o protestante desta forma responsavel por um caso de força maior, contra os mais rudimentares principios de direito.

Acresce a circunstancia de que se a bala fosse distribuida ao reclamante, ele ficaria, indubitavelmente, em segundo logar e caber-lhe-ia, portanto, o segundo premio.

O protestante apresentou, desde logo, o seu protesto verbal contra a resolução do juri, e mais tarde, no mesmo dia, por escrito ao director da carreira. Sem embargo, porem, disto, procedeu-se imediatamente á distribuição dos premios.

Tudo o que afirma o reclamante, poderá provar-se com testimunhas, que são na maioria atiradores.

Deve, pois, ser anulado o torneio quanto aos atiradores de 1.ª classe das quais faz parte o reclamante, procedendo-se a novo torneio, por ser de justiça.

Aveiro, 28 de outubro de 1912.

Artur dos Reis.

Uma questão grave para a Costa de Aveiro

Patrocinada pela Associação Comercial de Aveiro, dirigiram os proprietarios das companhas de pesca do nosso litoral, ao sr. ministro da Marinha e á comissão de Pescarias, a representação que abaixo publicamos, protestando contra o pedido de concessão de cercos americanos na costa entre Espinho e Mira, feito por uns capitalistas do Porto. Nada mais justo do que esses protestos que, do maior grado, nós aplaudimos junto das estancias superiores. A concessão de cercos americanos na costa de Aveiro era a ruina das nossas emprezas de pesca e a mizeria de milhares de pessoas que vivem dessa importantissima industria.

Segue o protesto:

Ex.mo Sr. Ministro da Marinha:

Vimos pelos jornais que alguns capitalistas do Porto pediram a concessão de cercos americanos com a sua base na baía de Leixões.

Tal concessão é a ruina das Companhas de pesca pelo sistema de arrasto das costas que se estendem desde Espinho até Mira.

O cerco americano fica estabelecido em favor de meia duzia de capitalistas, emprega diminuto pessoal, serve duas ou trez fabricas de sardinha de Matosinhos, e em compensação lança na miseria dezenas de milhares de familias que habitam desde Espinho até Mira e auferem da pesca de arrasto o sustento diario, arruina um grande numero de pequenas emprezas, prejudica a numerosa classe de mercanteis que fazem o trafego naquelas costas e servem o norte do paiz.

E' o grande capital a absorver o trabalho do pobre, a economia do pequeno comercio e da pequena industria.

E' de inteira Justiça, ex.mo Ministro, que se não faça semelhante concessão ou pelo menos que, antes do seu deferimento, se proceda a um rigoroso inquerito á industria de pesca no norte do paiz, como já pedimos em telegrama.

Confiamos em que V. Ex.a, para proceder com inteira justiça e equidade, não recusará o pedido que deixamos solicitado.

Saude e Fraternidade

(Seguem as assinaturas.)

Joaquim Rei Neto

Tem passado bastante incomodado, em Aradá, nos ultimos dias, este nosso amigo que é tambem um fervoroso republicano imensamente estimado por quantos com ele convivem.

Desejamos-lhe do coração as suas melhoras.

SCOUTING

Escoteiros Luzitanos em Aveiro

Realisou-se no ultimo domingo o segundo exercicio do batalhão escolar de Escoteiros da freguezia de Aradas. Compareceram perto de 80 petizes que continuaram a ser instruidos pelo sr. tenente Ruela. Fizeram ginastica sueca e varias evoluções, algumas das quais muito interessantes já pelo avultado numero de creanças que nelas tomaram parte, sempre com o maior gosto. O exercicio terminou perto das 13 horas, assistindo muita gente que ficou otimamente impressionada.

Na freguezia vão-se constituir varias comissões destinadas a angariar donativos para os fardamentos e apetrechos de campanha necessarios ao batalhão.

Dentro em pouco todos se apresentarão com os seus paus e bandeiras, o que deve produzir magnifico efeito.

No proximo domingo continuam os exercicios ás 10 horas no largo da Quinta da Senhora das Dores, em Verdemilho.

Oferecidos pela empreza d'*A Liberdade* foram distribuidos muitos impressos fazendo a propaganda desta util iniciativa.

TEATRO

O Grand Guignol

A evolução literaria dos ultimos 20 anos, diariamente manifestada em obras de subido valor, não se acentuou apenas na poesia ou no romance, senão tambem no teatro.

Ao mesmo tempo que alguns escritores tentavam as peças de tése, em que a moral educativa entrava como factor principal, aventuravam-se e com seguro exito, ao teatro da síntese, isto é, á adaptação na scena, do conto literario, humoristico ou dramatico.

A iniciativa teve excelente coroação; e a breve trecho o novo genero teatral era explorado nos palcos dos grandes centros. Deve-se á empreza do teatro *Grand Guignol*, de Paris, a inauguração dos espectaculos de que tratamos; e tal retumbancia conquistou essa empreza, que logo outros lhe seguiram o exemplo, obtendo tambem optimos resultados.

Qual a razão desse sucesso? Ele deve buscar-se, naturalmente, no facto de proporcionar ao espectador uma ou duas horas de boa arte, porque só artistas de reputação incontestavel podem arcar com as responsabilidades da interpretação.

O genero *Grand Guignol* tomou pois o nome do primeiro teatro que o explorou. E' assim conhecido, como o poderia ser com qualquer outra denominação; ponto estava em que outro nome tivesse o teatro em que ele se inaugurasse.

Ha porem a salientar outra circunstancia que é, por assim dizer, a principipal caracterista: o imprevisto! As peças do *Grand Guignol*—comedia ou drama—são absolutamente originais no seu desfecho, visto como raras vezes se prevê a conclusão. Em regra, falha o calculo das probabilidades. Peças intensas, capazes de fazer vibrar toda a gama do sentimentalismo, elas teem no entanto a grande vantagem de não durar mais do que 50 a 60 minutos. Sem de forma alguma se parecer com os antigos dramas de capa e espada, o novo genero de literatura teatral emociona, não só pelo entrecho, como principalmente pela interpretação, a qual, em muitos casos, bastaria a fazer a reputação dum artista.

A emoção proveniente do poema é, todavia, a mesma que o espectador sente quando assiste ao desenrolar duma scena dramatica, em 3 ou 4 actos. A diferença está em que, toma duma só vez, num calix, o que poderia saborear ás dóses num copo.

Entre nós iniciou o genero *Grand Guignol* a companhia de que faz parte a ilustre actris Adelina Abranches, uma das principais figuras da scena portugueza. Com ela trabalha Alexandre de Azevedo, essa fina educação de artista, que ao lado dos grandes mestres fez o seu nome.

No exito que essa companhia conquistou, e conquista ainda, no teatro Sá da Bandeira, do Porto, dilo a imprensa e, mais ainda, confirma-o o publico. Adelina Abranches, sua filha Aura, Alexandre de Azevedo, Luciano de Castro e João Silva, sem falar nos outros, teem creações magnificas, trabalhos primorosos em que—com legitimo orgulho o dizemos—honram o teatro portuguez.

Quiz um grupo de rapazes da sociedade aveirense mover a companhia de *Grand Guignol* Portugueza, de passagem para Coimbra, a realisar duas recitas no nosso teatro.

Com a boa nova se alvoraçaram todos os que sabem apreciar a arte, na sua manifestação mais emotiva.

Acedendo á lembrança, veio a esta cidade um representante da empreza que, como previamos, encontrou franco acolhimento em todos nós.

Teremos, pois, dentro em pouco no Teatro Aveirense—o *Grand Guignol*. Escusam-se comentarios e mais reclames.

Agradecimento

A famila Couceiro da Costa, muito reconhecida, agradece a todas as pessoas que se dignaram acompanhal-a na sua dôr por ocasião do falecimento dos dois venerandos entes que mais caros lhe eram. Sendo, porem, natural, que algumas faltas tenha cometido no agradecimento de todas as manifestações de pezar que recebeu, serve-se deste meio para a todos exprimir a sua mais indelevel gratidão.

As relações franco-espanholas

No proximo numero, *A Liberdade* publicará um artigo do jornalista francês M. Léo Biron de Villers, redactor de *L'Information*, de Paris, e um grande amigo de Portugal que tão proficientemente versou já nas colunas deste jornal as complicações internacionais da questão balkanica. Esse artigo, ainda sobre politica internacional, trata das *relações franco-espanholas*.

Teatro Aveirense

E' certa a vinda da explendida Companhia de grand guignol nas proximas terça e quarta-feira. O que é este genero de teatro já noutro logar o dizemos, mas o que precisamos acentuar, é que tem sido tão extraordinario o sucesso obtido por esta companhia, de que fazem parte os insignes artistas Adelina Abranches e Alexandre d'Azevedo, que, no Porto, onde no Sá da Bandeira estão trabalhando desde julho, todas as noutes o publico tem enchido por completo o elegante teatro.

As peças escolhidas para os dois espectaculos que o nosso publico vae ter ocasião de apreciar, são as que maior socesso causaram na capital do norte.

O cenario, todo novo, e expressamente pintado para estas peças, é deslumbrante.

Na primeira noute sobem á cena os celebres dramas:

As noutes do Hampton Club e a *Visita Noturna*, e *chegou o Guilherme* e na segunda a aplaudida tragedia, *Delegado da 3.a secção*, em que Adelina e Alexandre d'Azevedo tem um trabalho superior, *Rico descanso* e *Prudencia*.

Os bilhetes encontram-se já á venda na Tabacaria Havaneza e sabemos que teem sido muito procurados.

Piano Excelente para estudo, vende-se. Nesta redacção se diz.

Ilhavo

Ilhavo, 27

Começaram já a chegar a esta vila os maritimos que nos Bancos da Terra Nova se empregam na apanha do bacalhau.

A presença destes bravos lutadores é-nos muito grata, pois que eles imprimem á terra um aspecto alegre e risonho.

Dentre muitos que cá se encontram já, lembram-nos os srs. João Pereira Ramalheira Junior, João Mano, Francisco Agualusa, Gustavo Peixe, José Francisco Corujo, José Candido Vaz, Paulo Bagão, Antonio Fernandes Matias, João Redondo, Francisco Bichão, Manuel Pereira Ramalheira, etc, etc.

A todos apresentamos os nossos cumprimentos de bôas-vindas.

— No sabado p. p. houve no *Glub dos Novos* um atraente concerto musical dado pelo notavel terceto hespanhol «Guaras». A assistencia foi numerosa, tendo sido aberta no final uma *quête* em favor dos concertistas.

— Nas *sécas* do Rua Nova e da Gafanha, começaram já os preparativos para a estivagem do bacalhau.

— Batisou-se no sabado uma criancinha do sr. Francisco Sé.

— Vimos nesta vila o sr. Abilio Trancoso, recebedor de Vagos.

—Tambem aqui vimos, de passagem, o director da *Liberdade* sr. Alberto Souto.

— Partiu para Lisboa, onde foi visitar seu marido sr. José Tavares, a sr.a Emilia Rosa Lau.

— A' camara municipal do concelho lembramos a necessidade que ha em mandar separar quanto antes as estradas, principalmente a que vai dar a Val de Ilhavo, que está intransitavel.

E' de toda a necessidade tambem que continuem a construção do mercado e da Avenida. Principiarem as coisas e não as acabarem . . . não achamos que seja bôa administração . . .

A' mesma comissão lembramos que seria uma excelente prova de saudade e reconhecimento pelo bravo administrador de Cabeceiras de Basto, morto no seu posto de honra, e que foi tambem um bom administador de Ilhavo, no tempo do sr. Teixeira de Souza, dar á Avenida em construção o nome de *Avenida Mendonça Barreto*.

Oxalá o nosso pedido seja atendido, como é de justiça.—*C.*

Albergaria-a-Velha

Alquerubim, 29

Foi imponente o cortejo civico que se realisou em Fermentelos no dia 27 do corrente, em homenagem á memoria do falecido professor Alexandre Vidal. No cortejo incorporaram-se muitos professores, alguns com seus alunos, dos concelhos d'Agueda, Aveiro, Oliveira do Bairro e Albergaria-a-Velha.

Ao descerrar a lapíde, colocada na casa onde nasceu o saudoso extinto, falou o sr. dr. Roque Ferreira, distinto medico militar. Em seguida falou o irmão do falecido, o sr. Alvaro Vidal, farmaceutico, mas não concluiu o seu discurso porque foi tal a comoção, que retirou a chorar.

Foi merecida essa homenagem a Alexandre Vidal, que foi um filho obediente, um estudante aplicado, um professor distinto, um benemerito da instrução e, nos ultimos dias da sua vida, um martir a quem uma doença incuravel atirou para o fundo duma sepultura.

Houve quem calculasse em duas mil as pessoas que assistiram ao cortejo.—*C.*

Miguel Jorge Teles Sousa

Escriptorio — **Campo Grande, 237, 1.º**

LISBOA

Telefone—**45, CAMPO GRANDE**

Telegramas—**LEUGIM**—LISBOA

Madeiras, telhas e tijolos de todas as qualidades, cimentos nacionais e estrangeiros, mosaicos, cantarias, tubos de barro e de grés e todos os outros materiais para construção. Cal para exportação.

Esta casa tem sempre em deposito grande quantidade da acreditada telha **PROGRESSO** (marca registada) que, devido a contracto especial que tem com a fabrica productora, vende por um preço sem competencia.

Maiores descontos que as fabricas aos construtores, para exportação e para revenda.

Editos de 40 dias

(2.a publicação)

NO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 5.º oficio—Cristo—corre seus termos uma acção de investigação de paternidade ilegitima a requerimento de Ascenção Neves de Castro, solteira, maior, costureira, moradora na rua do Espirito Santo, freguezia da Gloria desta cidade de Aveiro, a quem foi concedido o beneficio da Assistencia Judiciaria, como representante legal de sua filha Conceição, menor de quatorze mezes de idade, contra Jayme de Melo Freitas, Delegado do Procurador da Republica na comarca de S. Thomé, Africa Ocidental, e actualmente na cidade e comarca de Lisboa, onde exerce o cargo de Delegado interino da terceira vara civil, na rua da Trindade, n.º 15—2.º andar da mesma cidade, em cuja acção a autora alega: Que ha cerca de tres anos e meio começou a ser requestada pelo reu, falando este com ela publicamente em qualquer rua da cidade, onde a encontrava, escrevendo-lhe grande numero de cartas em que jurava extrema dedicação e afecto e prometia nunca a abandonar, de que resultou a autora sair da casa de seus patrões com quem servia para ir por alguns dias para Ilhavo, onde esteve com sua familia, vindo em seguida para Aveiro para casa do sr. José Maria Mortagua, casa esta arranjada pelo proprio reu, onde ficou a viver por sua conta. Que o réu começou logo a frequentar a dita casa, tanto de dia como principalmente de noite, mantendo relações amorosas com a autora, das quais proveiu uma filha, de nome Conceição, de quatorze mezes de idade, em nome da qual esta acção é proposta. Que a menor Conceição é filha ilegitima do réu, reputada e tratada como tal por este, pela visinhança e pelo publico e ainda como tal considerada pelos parentes e pelos proprios pais do réu. E conclue, pedindo, que a acção seja julgada procedente e provada e o reu condenado a reconhecer a filha da autora como sua filha ilegitima e sucessivel para todos os efeitos legais e bem assim condenado em todas as despezas a que dê cauza. E, em virtude de despacho proferido nos autos, correm editos de quarenta dias a contar do segundo e ultimo anuncio, citando os interessados incertos para na segunda audiencia posterior ao prazo dos editos, virem acusar a citação e marcar-se-lhes a terceira audiencia seguinte para contestarem, seguindo-se os mais termos.

As audiencias neste Juizo fazem-se no Tribunal Judicial sito ao Largo da Republica da cidade de Aveiro, pelas dez horas, todas as segundas e quintas-feiras, não sendo feriados, porque nesse caso se fazem nos dias imediatos.

Aveiro, 9 de outubro de 1912.

O Juiz de Direito,
Regalão.

O escrivão do 5.º oficio,
Julio Homem de Carvalho Cristo

CONTOS E ROMANCES

5) Folhetim de A LIBERDADE

WATERLOO

SEGUNDO

VICTOR HUGO

II

Hougumont

Debaixo de uma grande arvore proxima caiu o general Duplat, alemão e duma antiga familia refugiada quando foi revogado o edito de Nantes. A' ilharga desta arvore está, mui curvada, uma velha maceeira doente, e toda ligada com um amalgama de palha e terra vegetal. Quasi todas as arvores caem de velhice; e não ha uma só que não tenha a sua bala. Por todo o pomar abundam os esqueletos de arvores mortas. Os corvos voam pelos ramos; e ao fundo ha um bosque cheio de violetas.

Bauduin morto, Foy ferido, o incendio, a matança, a carnificina, um rio de sangue inglez, alemão e francez, furiosamente misturado, um poço atulhado de cadaveres, o regimen de Nassau e o de Brunswick destruidos, Duplat morto, Blackman morto, as guardas inglezas mutiladas, vinte batalhões francezes, dos quarenta da divisão de Reile, dizimados; trez mil homens, só naquela casaria de Hougomont, acutilados, feitos pedaços, degolados, fusilados e queimados; e tudo isto para que um camponez diga hoje ao viajante: *Se o sr. me der tres francos, e gostar de ouvir, explicar-lhe-hei como a coisa foi em Waterloo.*

III

O dia 18 de junho de 1815

Usando de um dos direitos de narrador, voltemos atraz, e tornemos a colocar-nos no ano de 1815, e mesmo um pouco antes da epoca em que começa a acção contada na primeira parte deste livro.

Se não tivesse chovido na noite de 17 para 18 de junho de 1815, o futuro da Europa estava mudado. Algumas gotas dagua de mais ou menos, fizeram vergaram Napoleão. Para que Waterloo fosse o fim de Austerlitz, não necessitou a Providencia de mais do que de alguma chuva; e uma nuvem atravessando o ceo em contradição com a estação, foi bastante para o desmoronamento de um mundo.

A batalha de Waterloo só pôde começar ás onze horas da manhã, o que déra a Blucher tempo de chegar. Porque? Porque a terra estava molhada. Foi necessario que o solo enchugasse um tanto para que a artilharia podesse marchar.

Napoleão era oficial de artilharia, o que facilmente dava a conhecer. Todos os seus planos de batalha são feitos para o projectil. Fazer convergir a artilharia sobre um ponto dado, era a sua chave de victoria. Tratava a estrategia do general inimigo como uma cidadela, e batia-a a fazer-lhe a brecha. Oprimia o ponto fraco com a metralha; atava e desatava as batalhas com artilharia. No seu grande genio havia o que quer que era do tiro. Esmagar os quadrados, pulverisar os regimentos, romper as linhas, triturar e dispersar as massas, era tudo para ele; bater, bater, bater sem cessar; e essa missão encarregava-a á bala. Metodo temivel, e que, junto ao genio, tornou invencivel, pelo espaço de quinze anos, o sombrio atleta do pugilato da guerra.

No dia 18 de junho de 1815, contava ele tanto mais com artilharia, quando era superior o numero pela sua parte. Welington não tinha senão cento e cincoenta e nove bocas de fogo; Napoleão dispunha de duzentas e quarenta.

Suponha-se o solo enxuto, deixando rodar a artilharia, e a acção começada ás seis horas da manhã. A batalha estava ganha e terminada ás duas horas, tres antes da peripecia prussiana.

Qual é a intensidade da falta por parte de Napoleão na perda desta batalha? O naufragio é imputavel ao piloto? A evidente declinação fisica de Napoleão, complicava-se nesta epoca com uma certa diminuição interior? Tinham os vinte anos de guerra gastos tanto a lamina como a bainha, e a alma como o corpo? O veterano fazia acaso, infelizmente sentir-se no capitão? Numa palavra: esse genio, como muitos historiadores de consideração o julgaram, eclipsava-se? Tornava-se frenetico para ocultar a si mesmo o seu enfraquecimento? Começava a oscilar sob o desvairamento dum sopro de aventura? Tornara-se ele coisa grave num general, inconsciente do perigo? Nessa classe de grandes homens materiais a que se pode chamar gigantes da acção, ha porventura uma idade para miopía do genio? A velhice não atua sobre o genio ideal; para os Dantes e Miguel Angelo, envelhecer é engrandecerem-se; para os Anibais e Bonapartes será decrescer? Tinha Napoleão perdido o sentido directo da victoria? Tinha chegado ao estado de não reconhecer o escolho, de não advinhar o laço, de não presentir a beira escorregadia dos abismos? Faltar-lhe-ia o faro das catastrofes? Ele que dantes conhecia todos os caminhos do triunfo, e que, do alto do seu carro de raios, os indicava com gesto soberano, tinha agara o sinistro atordoamento de conduzir aos precipicios as suas tumultosas parelhas de legiões? Teria sido atacado, aos quarenta e seis anos de uma loucura suprema? Esse cocheiro titanico do destino, já não era mais do que um quebra-costas?

Não o julgamos.

O seu plano de batalha, era, segundo todos confessam, uma obra prima. Ir direito ao centro da linha aliada, fazer uma abertura no inimigo, dividi-lo em dois, impelir a metade britanica sobre Hal e a prussiana sobre Tougres, fazer de Wellington e de Blucher dois troços, tomar o Mont-Saint-Jean, apoderar-se de Bruxellas, lançar o alemão no Rheno, e o inglez no mar. Napoleão tinha tudo isto nesta batalha. Depois ver-se-ia. Convem sempre dizer que não pretendemos desenvolver aqui a historia de Waterloo; uma das scenas principais do drama que contamos, tem ligação com esta batalha; mas a sua historia não é o nosso assunto; e depois, é uma historia que já se acha feita, e feita magistralmente, num sentido por Napoleão, e noutro por Charras. *(Continúa).*

Todos os ómens e meninos podem vestir com elegancia e perfeição pelos figurinos e moldes de Londres desde que peçam as amostras ao

Old England

Rua Augusta--LISBO

Faz os fatos SEM PROVA e restitue a importancia ao cliente que não ficar satisfeito.

Peçam amostras, catálogo e jornal que são enviados gratis

Old England--Lisboa

Tem todos os artigos para ómens e meninos, desde o chapeu até ás meias.

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor-ALBERTO SOUTO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Não se devolvem autografos.

Não se aceita colaboração que não seja pedida.

Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis

(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)

Brazil (moeda forte)

outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis

(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

Linha . . . . . 40 réis

Anuaes, contrato com a administração.

Redação e administração

AVEIRO

Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar

(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas

P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.

(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)

Impressão a vapor

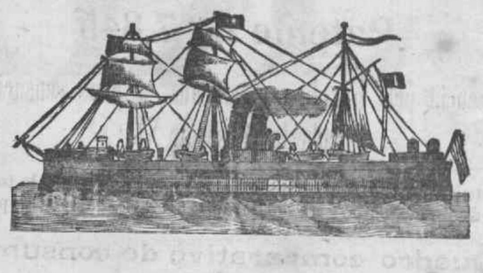
LARGO CAMÕES

Administrador

RUI DA CUNHA E COSTA

Hamburg Suedamerikanische Dampfschifffahrts Gesellschaft

HAMBURG-AMERIKA-LINIE



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BUNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

Na anemia, febres palustres ou sezões, tuberculose

e outras doenças provenientes ou acompanhadas de FRAQUEZA GERAL, recomenda-se a

Quinarrhenina

5 Grandes premios e medalhas de ouro nas Exposições de Londres, Pariz, Roma, Anvers e Genova— Barcelona.

= MEMBRO DO JURI =

A MAIS ALTA RECOMPENSA

EXPERIENCIAS feitas por inumeros clinicos nos hospitais do paiz e colonias confirmam ser o tonico e febrifugo que mais sérias garantias oferece no seu tratamento. Aumenta a nutrição, excita fortemente o apetite, facilita a digestão e é muito agradavel ao paladar.

Instrucções em portuguez, francez e inglez. A' venda nas boas farmacias.

Em Aveiro—**Farmacia Reis.**

Em Anadia—Farmacia Maia.

Deposito no Porto—Farmacia Rica, Rua do Bonjardim, 370. Deposito geral—Farmacia Gama, C. da Estrela, 118—Lisboa.

Tosses Curam-se com as *Pastilhas do Dr. T. Lemos.* Depositos: os mesmos da **Quinarrhenina.**

ATENÇÃO!

Na rua da Costeira n.º 9 recebem-se hospedes tanto estudantes como empregados publicos, com bom tratamento e excelentes quartos.

Preços comodos.

Dinheiro

Ha para compra de propriedades, ipotécas, consignações de rendimentos, usufrutos, etc.

RAPIDEZ NAS TRANSAÇÕES

Casanova da Fonseca

R. da Assunção, 67-2.º

(ESQUINA DA RUA AUGUSTA)

LISBOA

TELEFONE 3418

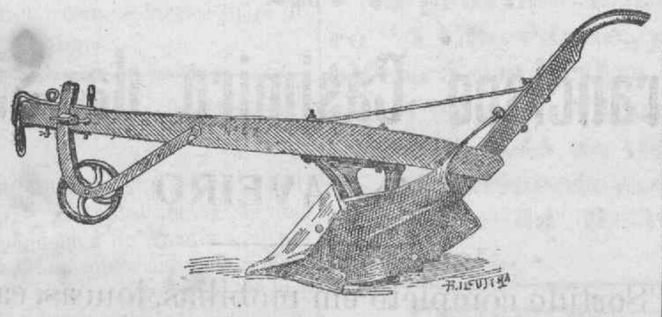
Empreza Industrial Portugueza

SECÇÃO DE AGRICULTURA

Rua Vasco da Gama, 1 a 13

Avenida das Côrtes, 47 a 49

LISBOA



Completo sortimento de *charruas* para toda a qualidade de lavoura, terreno ou força.

Rêlhas de ferro especial temperado ou aço. Grande deposito de *peças* de sobrecelente, moldadas mecanicamente, para completa garantia de ajustamento. Preços e qualidades sem competencia alguma, devido ao que se acha largamente espalhado o nosso material por todo o país.

Importação direta de todos os *aparelhos* da melhor reputação conhecida para a nossa agricultura, como: *ceifeiras* simples ou atadeiras, *gadanheiras, respigadores, descaloladores, tararas, escolhedores* de semente, *enfardadeiras* para força manual, a gado ou a vapôr, *bombas* para poço, rega ou trasfega de vinho, azeite, etc. *Automoveis* economicos, de 1.ª qualidade.

Remete-se a quem pedir, *catalogos, informações* ou *orçamentos*, escrevendo para

Rua Vasco da Gama, 1 a 13—Avenida das Côrtes, 47 a 49

Lisboa

Remedios especiais

contra

Vermes (VERMOL)

O melhor especifico que os expele em poucas horas e que é ao mesmo tempo um laxante suave e um *antiseptico intestinal.*

Milhares de creanças o teem usado, havendo muitas que deitam *150 e 200 bichas.*

Anemia, chlorose, Chloro-anemia

e até na tuberculose é infalivel a

Myogenina

(Quina-ferro, arrhenal e nucleina)

Drageia	600 réis
Elixir	700 »
1/2 frasco.	400 »
Granulada	500 »

Receitada pelas primeiras notabilidades medicas.—Prospectos elucidativos e amostras a clinicos dão-se nas

Farmacia Reis, ás Cinco Ruas—AVEIRO

Farmacia Pombeiro, rua de Cedofeita, 13—PORTO

COMPANHA DE PESCA

Vende-se a parte que João Maria da Silva possue na companha denominada S. João Baptista—vulgo a Ratinha—da Costa de São Jacinto.

Para tratar e mais esclarecimentos, com José Pereira de Carvalho Branco, desta cidade.

Cunicultura

Coelhos japonezes ou triculores, puros. Raça de 1.ª qualidade pela sua fecundação e desenvolvimento. Esta raça produz de cada parto 7 a 8 coelhos de excelente carne e de pronto desenvolvimento.

Cada exemplar ao desmamar	500 réis
Dos tres para quatro mezes. .	800 »
A criar cada	1:000 »
Coelhas cheias cada	2:000 »

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

Aguas Fonte Nova

= DE =

VERIN

Excelente agua de meza. Resultados garantidos para bexiga, rins, figado, estomago, etc. O seu valor é confirmado por numerosos atestados.

A' venda nas principais terras do paiz.

DEPOSITOS:

PORTO—Rua de Santa Catarina, 32-1.º.

LISBOA—Rua da Prata, 231.

AVEIRO—Bernardo de Sousa Torres.

Calicida Franco

(o melhor para extraír os calos)

Deposito em Lisboa:

229—Rua da Prata—231

Adubos

quimicos, compostos e organicos

Sulfato de cobre puro de 99 a 100 °/o.

Enxofre e flôr de enxofre.

Arames lisos zincados.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Remetem-se tabelas de preços.

Depositos em Quintãs e Mamodeiro

Virgilio S. Ratola

Mamodeiro

PADARIA MACEDO

Praça do Comercio

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Plantas americanas

Barbados e enxerto das castas mais produtivas e resistentes, enxertos de pereira de excelentes qualidades.

Vende:--Manuel Rodrigues Pereira—REQUEIXO.

Fabrica de papel

Quem pretender comprar um bom cilindro de moer trapo e plotinas do mesmo, bem como outro qualquer material da Fabrica de Papel **Minho,** dirija-se a Agostinho F. Ventosa—FAMALICÃO—ANADIA.

Novidades para verão

Eduardo Osorio

56, Rua dos Mercadores, 60=13, Rua Mendes Leite, 21

AVEIRO

ABERTURA DA ESTAÇÃO

com um variado e grande sortido, escolhido nas principais casas.

Tecidos de alta novidade em algodões, lãs e sêdas para vestidos.

Grande variedade em sêdas e guarnições.

Blouses, echarpes, sombrinhas e cintos, grande sortido.

Grande deposito de espartilhos, ultimos modelos.

Kimonos, a maior novidade, grande sortido.

PREÇOS MODICOS

Enviam-se amostras

Sistema de iluminação WIZARD

Patente n.º 7.845

Incandescencia pela gasolina gasoficada, a mais sensacional descoberta do seculo XX

O sistema WIZARD é o mais economico e intensivo de todos os processos de iluminação até agora conhecidos, como se demonstra pelo

Quadro comparativo do consumo

de diversos sistemas de iluminação, tomando por base uma lampada de 2:000 velas de poder iluminante.

	CONSUMO POR ORA
Gaz de ulha, a 60 réis o metro cubico.	217 réis
Luz elétrica, a 150 réis o Kilowatt.	312 »
Acetilene, a 90 réis o kilograma de carboneto de calcio	382 »
Petroleo, a 100 réis o litro	782 »
Luz WIZARD, a 2$000 réis os 36 litros de gazolina	17,5 »

Este quadro foi obtido, pelas experiencias feitas com o *fotometro* e segundo os dados fornecidos pela pratica, em Portugal.

Uma lampada de um poder iluminante de 500 velas Carcel, consome só 5 litros de gasolina em 50 óras!

Estes numeros sãm a prova mais eloquente da superioridade do sistema WIZARD e justificam plenamente o incomparavel sucesso que as lampadas WIZARD têm obtido em Portugal e em todos os paizes civilisados.

Pedir catalogos e informações a

Carlos Guerra

Agente no Norte do país

Escritorio: *Café Brazil*—**PORTO**

CIRCUITO DO MINHO

21 de abril—327 kilometros

Grande triunfo das **motos**

WANDERER

Corrida de amadores—Ganha em motocicletas **Wanderer de 3 H. P.**

1.º PREMIO—Ex.mo sr. João Hitzmann, em 6 horas e 36 minutos. (Apenas mais 8 minutos que o primeiro profissional que montava um engenho doutra marca de dobrada força!)

PRIMEIROS PREMIOS DA CABEÇA—Todos até Braga—Ex.mo sr. A. Sousa Guedes.

3.º PREMIO—Ex.mo sr. Artur Oliveira e Silva, em 7 horas e 51 minutos.

Representantes e depositarios nos distritos de Aveiro e Coimbra

Abel Guedes de Pinho & C.ª

Praça da Republica — OVAR

Fabricas de gelo

CAMARAS FRIAS

J. Matos Braamcamp

Engenheiro de Frigorificos

Rua Aurea, 232, 1.º—LISBOA
Rambla del Centro, 14—Barcelona

Instalação completa de Leitarias—Fabricas de cerveja—adegas—fabricas de chocolate, etc., etc.

Algumas referencias: Fabrica de cerveja JANSEN; Fabrica de Conservas BRANDÃO GOMES; Fabrica de Gelo de Santarem, Angra, Faro, Beja, Evora, Figueira, Coimbra, etc. A NUTRICIA, de Lisboa; Grande Hotel de Vidago; Escola Medica de Lisboa, Assistencia Nacional aos Tuberculosos; Grande Frigorifico de Bilbao, etc.

BOMBAS COM MOTOR

MUITO ECONOMICAS

Luz electrica

Nas casas de campo, aldeias e vilas

Ultima palavra — **Fafnir**

Algumas referencias: **José Tavares da Silva Rebelo—SALREU, ESTARREJA. J. Carlos Barros, engenheiro electricista—FIGUEIRA DA FOZ.**

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo de S. Torres

Praça do Comercio

AVEIRO

Livraria, papelaria e oficina de encadernação. Grande sortido de papeis nacionais e estrangeiros. Objectos para escritorio, desenho e pintura. Tabacos nacionais e estrangeiros. Livros em branco para escrituração comercial. Artigos para brindes. Chá em pacotes.

Deposito de tintas para escrever, marca **D. Pedro IV**.

Fornecimentos para escolas.

Sempre novidades em bilhetes postais ilustrados e com vistas de Aveiro.

Cervejas e gazozas,

Cordas para instrumentos.

Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.

Sabonetes nacionais e estrangeiros.

Pós e pasta para dentes.

Loções para o cabelo e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAIS

Deposito de moveis, colchoaria e marcenaria

DE

Francisco Casimiro da Silva

Côjo—AVEIRO

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Oficina para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.

Oficina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e cristaes. Louças finas e bijouterias.

PREÇOS MODICOS

URNAS FUNERARIAS

DEPOSITO d'urnas funerarias dos mais modernos gostos, de diferentes madeiras e formatos.

Fundições, da melhor execução, duma casa do Porto.

Elegancia e preços sem competencia.

Manuel Pereira de Rezende

PRAÇA DE PARDELHAS

ESTARREJA

A COLOSSAL

=DE=

Mamodeiro

Fazendas, mercearias, meudezas, tintas, oleos e ferragens.

Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.

Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.

Sulfato de cobre e enxofre. Cimento **Portland.**

Virgilio Souto Ratola

Motocicletes N.S.U.

A melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa.

O agente nos distritos de Aveiro e Vizeu:

Miguel Marques Henriques

Albergaria-a-Velha

PROFESSOR DE FRANCÊS

Ensina na sua casa e na dos alunos.

Nesta redacção se informa.

HOTEL CISNE

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria, em caminho para as praias da Barra e Costa Nova. Quartos com aceio e magnificas vistas.

PREÇOS MODICOS

Bicicletas Hobart

Pompilio Ratola

AVEIRO

Cartões de visita

Com perfeição e rapidez, imprimem-se nesta tipografia por preços modicos.

Estação de Verão

A ELEGANTE

FAZENDAS E MODAS

Camisaria e gravataria

=DE=

Pompeu da Costa Pereira

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

Oficina de pintura

Modelação e fundição em gesso

Joaquim Ferreira Barreto (O VIDINHA)

Rua Domingos Carrancho (Cinco Ruas)

AVEIRO

N'ESTA oficina executam-se todos os trabalhos de pintura com a maior perfeição e arte, tais como: taboletas para estabelecimentos, desde o mais simples ao mais complicado trabalho; pintura de bicicletas, cofres, camas, lavatorios, jarros, baldes, regadores, bidets, banheiras, candieiras de suspensão, de parede, etc., e outras miudezas que careçam de pintura. Além dos trabalhos citados, encarrega-se da pintura de camas, por mais deterioradas que estejam, mandando-as concertar, e substituindo os metais velhos por novos. Tambem na pintura de bicicletas se esmera em servir bem os seus ex.mos freguezes pelo bom acabamento e perfeição.

O proprietario desta oficina achava-se habilitado a todos os trabalhos que lhe forem confiados, não só em pintura como em modelação, fundição em gesso e reprodução em bustos, medalhões, etc. Encarrega-se tambem de obras com pintura e estuque, fornecendo para as mesmas os ornamentos precisos, para ornamentação de salas, quartos e outras dependencias, para o que possue um grande e variado numero de cantoneiras, florões, folhas, rendilhos, etc. Tambem faz modelos novos, por desenhos, a gosto dos clientes ou do proprietario da oficina, e fornece ornatos fundidos e apurados prontos a assentar em qualquer obra ainda que lhe seja estranha! Faz imitações muito aproximadas do natural (fingido) em qualquer qualidade de pedra, marmore ou granito, e bem assim em madeira.

Exposição permanente de originais em gesso e de algumas fotografias de diversos trabalhos feitos pelo proprietario desta oficina, os quais poderão ser apreciados pelos seus freguezes.

Pede, pois, aos seus ex.mos clientes que visitem o seu estabelecimento, onde encontrarão economia e perfeição no serviço de que fôr encarregado, para o que está habilitadissimo.

Preços sem competencia

Tabela de preços da pintura de bicicletes

Quadro, rodas e guarda-lamas	*2$000 réis*
Vindo já convenientemente raspadas e lixadas . . .	*1$800 »*
Quadro e rodas	*1$800 »*
Já convenientemente raspadas e lixadas.	*1$600 »*

Sem filetes, menos 200 réis. Sendo desarmada e armada nesta oficina, mais 200 réis.

A pintutura é feita ao gosto do freguez, responsabilisando-se o proprietario da oficina pelo bom acabamento.